



Jornalismo amador: proposta para definir as práticas jornalísticas exercidas pelo público em ambientes interativos

Leonel Aguiar¹
Adriana Barsotti²

Resumo

O artigo apresenta uma proposta para definir as práticas jornalísticas que são exercidas pelo público nos ambientes interativos proporcionados pelos meios de comunicação. Para apresentar uma nova conceituação para essas práticas, realiza uma pesquisa bibliográfica em relação aos termos que qualificam o jornalismo como participativo, colaborativo, cidadão e cívico, além de *open source*. Também analisa algumas experiências em curso de produção jornalística feita por quem não exerce a profissão de jornalista, vinculando essa análise ao campo das teorias do jornalismo, especialmente ao estudo da problemática do jornalismo como profissão. Conclui demonstrando que a melhor denominação para as práticas jornalísticas realizadas pelos jornalistas não-profissionais pode ser jornalismo amador.

Palavras-chave: teorias do jornalismo; jornalismo amador; jornalismo cidadão; práticas jornalísticas.

¹ Doutor e Mestre em Comunicação (UFRJ). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e coordenador do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio. Jornalista diplomado pela UFF. Coordena o Grupo de Pesquisas em Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais.

² Mestre em Comunicação pela PUC-Rio, integra o Grupo de Pesquisa em Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais. Jornalista diplomada pela UFRJ. Escreve, como colaboradora, para o caderno semanal *Prosa & Verso* do jornal *O Globo*.

Abstract

This article aims to present a proposal to define journalistic practices exercised by the public in interactive environments in the media. In order to introduce a new concept for these practices, it presents a bibliographical review on the terms that describe this type of journalism as participatory, collaborative, citizen, civic as well as open source. It also analyses some journalistic experiences conducted by non-professional journalists in news production, linking these experiences with journalism theories, especially those that focus journalism as a profession. The article ends with the conclusion that the best definition for journalistic practices performed by non-professional journalists might be amateur journalism.

Keywords: journalism theories; amateur journalism; citizen journalism; journalistic practices.

Introdução

A cobertura jornalística dos mais recentes conflitos políticos, ataques terroristas e catástrofes naturais encontra-se indissociavelmente vinculada, no atual século, às narrativas desses eventos produzidas por quem não exerce a profissão de jornalista. Câmeras de amadores registraram o choque do Boeing 767 da *United Airlines* contra a segunda torre do *World Trade Center* nos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, nos EUA. Também foram aqueles que não são jornalistas profissionais que revelaram as imagens do tsunami que castigou a Ásia em dezembro de 2004, deixando 280 mil mortos. Quando o furacão Katrina devastou o sudoeste dos EUA em 2005, centenas de pessoas se tornaram repórteres com suas câmeras de prontidão. Em fevereiro de 2011, os cidadãos mais uma vez mostraram a força de sua produção discursiva na queda do ditador egípcio Hosni Mubarak: a população espalhou pela internet as imagens de sua luta pela libertação.

Não há novidade na colaboração do público com os *massmedia*. Os canais de comunicação entre a audiência e esses meios sempre existiram, como a seção de cartas em jornais e o contato por telefone entre os jornalistas e seu público. A exibição de vídeos feitos por amadores nos telejornais das emissoras de televisão é uma prática jornalística que acontece de longa data. O primeiro jornal impresso com espaço dedicado ao cidadão foi publicado em 1690, em Boston, nos EUA. Intitulado *Publick Occurrences Both Forreign and Domestick*, o pioneiro *multipage* americano, que só resistiu à primeira edição, foi impresso com uma de suas quatro páginas em branco (CARVIN *apud* ALVES, 2010, p.

57). A idéia era que o leitor produzisse ali suas próprias narrativas sobre os fatos ou comentasse as notícias, passando o jornal adiante com suas observações.

Embora os canais de comunicação com o público sempre tenham existido, eles eram tímidos antes da consolidação da rede mundial de computadores, a partir da qual ferramentas passaram a permitir o *feedback* do leitor simultaneamente ao processo de edição. Não só isso. O avanço tecnológico tornou equipamentos como celulares conectados à internet e câmeras portáteis mais acessíveis, potencializando a participação do público. Se as coberturas jornalísticas não deixam dúvida de que a participação do público é crescente e global na mídia, não há consenso sobre como defini-la. Muitos termos são empregados imprecisamente e autores divergem sobre as diversas nomenclaturas. Este artigo propõe uma revisão bibliográfica acerca deles. Classificações como jornalismo participativo, colaborativo, *open source*, cidadão e cívico serão alvo de nossa análise. Longe de pretender alcançar uma definição definitiva sobre os termos, nosso propósito é tentar trazer mais luz a esta discussão. Nossa opção foi por não utilizar nenhum deles pelos motivos que serão aqui expostos. Preferimos empregar o termo jornalista amador para referir-nos aos antigos leitores que agora também são produtores de conteúdo. Para classificar a atividade praticada por eles, utilizaremos jornalismo amador. A partir das teorias do jornalismo, especialmente pela perspectiva de Néelson Traquina (2005) ao afirmar o processo histórico de constituição do jornalismo enquanto profissão, vinculamos essa discussão ao contexto de uma cultura profissional enquanto o atributo principal de uma profissão.

A seguir, apresentaremos as justificativas para estas escolhas.

Entre a independência e o *mainstream*

Multiplicam-se as iniciativas de jornalismo produzido por amadores. Porém, algumas fronteiras as distinguem. Há desde experiências onde o jornalista amador não é remunerado e têm acesso direto às ferramentas de publicação até os sites onde o trabalho dos cidadãos começa a ser remunerado e a publicação do conteúdo é mediada por jornalistas. Também há as iniciativas independentes e as que estão vinculadas aos grandes grupos de mídia. Na mídia tradicional, o jornalismo amador é geralmente mediado pelos jornalistas profissionais, desde a seleção dos fatos até a edição. Nos sites independentes, pode haver ou não esta mediação. O site *Cyberjournalist.net* apresenta

uma lista com 81 iniciativas que mereceriam destaque³. Entre as iniciativas atreladas aos veículos tradicionais, está o *The New York Times*. O jornal mantém a página *The Local* em seu site voltada para os subúrbios de Nova York, com a cobertura feita por seus moradores⁴.

No Brasil, a iniciativa pioneira foi do portal *Terra*, através da seção *VC repórter*. Em seguida, os principais jornais instituíram formalmente a colaboração do público. O primeiro foi *O Globo*, com a seção *Eu-repórter*, no ar desde 2006. Hoje, existem editorias semelhantes nos sites do *Extra*, também batizada de *Eu-repórter*, em *O Dia*, chamada de *Conexão Leitor*, no *Zero Hora* (*Leitor-repórter*), no *O Estado de S. Paulo* (*Foto-repórter*) e no *Lance* (*Pro-lance!*). A *Folha de S. Paulo* não criou uma seção específica para este tipo de atividade, mas disponibiliza um formulário no site para o envio de fotos e textos. Estas seções, porém, guardam algumas diferenças entre si. Nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Lance!*, a participação do leitor se restringe ao envio de fotos e há remuneração quando estas fotos são vendidas através de suas agências de notícias ou quando são publicadas nos jornais impressos. No *Zero Hora*, *O Globo*, *O Dia* e no *Extra*, os leitores são incentivados a enviar textos, além de fotos e vídeos, e preenchem um formulário cedendo seus direitos autorais para o aproveitamento gratuito do material. Os canais de televisão fizeram o mesmo movimento: a TV Globo e a TV Bandeirantes mantêm as seções VC nos sites G1 e eBand repórter, respectivamente. Em ambas, os colaboradores cedem seus direitos autorais para as emissoras. Na Rede TV!, também não há remuneração, mas quem participa recebe uma câmera digital HD e treinamento visando a capacitação para a função.

No exterior, proliferam experiências jornalísticas sem fins lucrativos. É o caso da *Global Voices*, iniciativa do projeto *Global Citizens Media*, criado pelo Centro Berkman para Internet e Sociedade da Escola de Direito de Harvard, uma incubadora de pesquisas focada no impacto da internet na sociedade⁵. O site se apresenta para o leitor como um guia e tradutor “de vozes globais das blogosferas globais” e conta com 200 blogueiros. O *Global Voices* organiza informações de todo o mundo e ainda disponibiliza ajuda legal para os cidadãos de regiões cujos meios de comunicação estejam sob censura. Recentemente, a BBC anunciou uma parceria com a organização para a produção conjunta de reportagens.

³ Disponível em <<http://www.cyberjournalist.net/news/002226.php>>. Acesso em 9 mar 2011.

⁴ Disponível em <<http://www.nytimes.com/marketing/thelocal/>>. Acesso em 2 jul 2010.

⁵ Disponível em <<http://globalvoicesonline.org/>>. Acesso em 23 abr 2011.

Porém, dois movimentos indicam uma tendência rumo ao enquadramento da atividade. De um lado, esses colaboradores começam a se organizar. O *Demotix* é um bom exemplo disso. O site, que ganhou o prêmio de inovação do jornal inglês *The Guardian*, é formado por jornalistas amadores que oferecem conteúdo para a grande mídia em troca de pagamento para seus colaboradores. O *Demotix* conta com 13 mil colaboradores em 130 países organizados em cooperativas⁶.

De outro lado, observa-se que o jornalismo feito pelo público está se tornando um negócio atrativo para os grandes grupos. Recentes aquisições são prova disso. A *American Online* (AOL), de olho na expansão de sites de notícias hiperlocais produzidas por amadores, adquiriu o *Patch.com* em 2009 por US\$ 7 milhões. Hoje, o *Patch* está presente em 800 cidades. Em cada cidade, conta com um editor e uma equipe de *freelancers*, geralmente amadores. O site declara que a cobertura da cidade seria impossível sem o envolvimento do cidadão⁷. Seu conselho editorial conta com dois dos mais influentes estudiosos da mídia nos EUA hoje: Philip Meyer – autor do livro *Os jornais podem desaparecer?* – e Jeff Jarvis, colunista de tecnologia do *The Guardian* e autor do livro *O que a Google faria?*

Dois meses depois de a AOL ter adquirido o *Patch*, foi a vez de outra gigante da mídia, a MSNBC.com (uma *joint venture* entre a rede NBC e a Microsoft), investir no jornalismo amador, anunciando a aquisição do *Everyblock*⁸. O site está presente em 15 cidades: Chicago, Atlanta, Boston, Charlotte, Dallas, Detroit, Houston, Los Angeles, Miami, Nova York, Philadelphia, San Francisco, San Jose, Seattle e Washington, D.C. Embora mantenha uma equipe de editores profissionais, o site sobrevive graças à colaboração de jornalistas amadores.

Em 2010, o sul-coreano *OhmyNews*, pioneiro site de jornalismo produzido pelo público, completou dez anos. Dados já mencionados mostram que seu lema – “todo cidadão é um repórter” – deixou de ser um simples *slogan* publicitário para se consolidar como um fenômeno comunicacional. Com colaboradores em 89 países, o site já atraía dois milhões de *page views* diariamente cinco anos após seu lançamento e ganhou uma versão em inglês, o *OhmyNews International*, nesta mesma época⁹.

⁶ Disponível em <www.demotix.com>. Acesso em 28 jun 2010.

⁷ Disponível em <<http://www.patch.com/about>>. Acesso em 23 abr 2011.

⁸ Disponível em <<http://techcrunch.com/2009/08/17/msnbc-picks-up-hyperlocal-news-aggregator-everyblock/>>. Acesso em 23 abr 2011.

⁹ Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=348MON006>>. Acesso em 9 mar 2011.

O *OhmyNews* abalou o jornalismo e as instituições políticas, ao mesmo tempo que atraiu uma enorme audiência ao dissolver a tradição do século XX — o modelo de jornalismo no qual as organizações dizem ao seu público o que é notícia e a audiência as compra ou não — num novo instrumento que sobe da base para a cúpula, é interativo e é democrático. (GILLMOR, 2006, p. 125-126)¹⁰

Em agosto do ano passado, porém, o site internacional foi transformado em blog dedicado à cobertura do jornalismo produzido pelo amador. O *OhmyNews* foi vítima de seu próprio sucesso. Tornou-se impossível ao time de editores a checagem (uma de suas premissas) das, em média, 225 reportagens enviadas diariamente por mais de 70 mil cidadãos de todo o mundo, explica o site *Digital Journal*¹¹. No artigo em que anunciou a mudança de planos, os editores declaram que “com reportagens vindas de lugares como Afeganistão, Brasil, Zimbábue e todos os outros entre esses, tornou-se impossível para a equipe checar cuidadosamente cada história”, justificam. “Checar os fatos é um dos nossos princípios mais prezados”¹².

Revisão teórica de conceitos

Tantos são os meios pelos quais se expressa quanto as motivações que o movem que se torna difícil classificar o jornalismo produzido pelo cidadão. Diversos termos, entre eles jornalismo participativo, colaborativo, *open source*, cidadão e cívico, têm sido empregados com pouco rigor metodológico para designar o fenômeno da participação do público na produção de notícias. Porém, nem sempre tais conceitos, muitas vezes aplicados como sinônimos, são equivalentes (HOLANDA, QUADROS, PALÁCIOS e SILVA, 2008). Muitas vezes o mesmo termo suscita mais de uma interpretação. É o caso de jornalismo *open source*. Ao aplicá-lo, Brambilla faz um paralelo com os *softwares* de fonte aberta. O termo *open source* surgiu para nomear os softwares livres, criados e disponibilizados gratuitamente na rede, como o Linux. “A hipótese de aplicar o conceito *open source*, tradicionalmente utilizado na engenharia de *software*, para conceber um novo estilo de produção de notícias deu origem ao jornalismo *open source*” (BRAMBILLA, 2005a, p. 104).

¹⁰ No original: “OhmyNews has shaken up the journalism and political establishments while attracting an enormous audience by melding 20th century tradition – the journalism- as-lecture model, in which organizations tell the audience what the news is and the audience either buys it or doesn’t – into something bottom-up, interactive, and democratic”.

¹¹ Disponível em <<http://www.digitaljournal.com/article/295823>>. Acesso em 18 mar 2011.

¹² Disponível em <http://english.ohmynews.com/ArticleView/article_view.asp?menu=A11100&no=386159&rel_no=1&back_url=>>. Acesso em 18 mar 2011.

Se as notícias, assim como os *softwares*, eram exclusivamente produzidas e publicadas por uma empresa que as transforma em produtos comercializáveis, no jornalismo *open source* elas passam a ser produto de domínio público, tanto sua elaboração quanto sua fruição. Elaboradas a n mãos, as notícias, assim como os softwares, mostram o resultado de um trabalho em conjunto, não mais sujeito a uma hierarquia institucional, mas unicamente comprometido com o interesse pessoal de voluntários. (BRAMBILLA, 2005b, p. 10)

A autora, porém, defende a mediação no jornalismo *open source* e cita o *OhmyNews* como um exemplo. “A filtragem do conteúdo por um editor não desconfigura a ocorrência de jornalismo *open source*” (2006, p. 72). Para ela, a presença do editor legitima o noticiário “sem deixar os interagentes sem voz” (2006, p. 72). Ao propor uma definição para o jornalismo *open source*, que prefere traduzir como jornalismo de fonte aberta, Holanda vai além ao afirmar que a colaboração do público pode “até mesmo definir a edição do site”.

O jornalismo de fonte aberta é aquele em que o público é o principal agente na produção de conteúdo, seja enviando-o em forma de artigos, notícias, comentários e críticas seja simplesmente constituindo uma fonte coletiva e aberta de informação e opinião utilizada por jornalistas profissionais. Mais ainda, a participação do público não só valoriza as mensagens através de comentários e perspectivas divergentes, mas chega a formatar o noticiário e até mesmo a definir a edição do site. (HOLANDA, 2007)

Assim como Brambilla, porém, o autor acredita que para que tal prática possa se configurar como jornalística é necessário que os veículos de fonte aberta possuam estratégias de filtragem e atribuição de qualidade aos relatos, além de critérios de atribuição de reputação aos emissores (é o caso do *Slashdot*, exposto adiante). Aqui surge um ponto de divergência entre as definições de Brambilla e Holanda: para ele, a última palavra cabe à comunidade, não aos editores (2007, p. 25).

Já a abordagem de Foschini e Taddei se debruça sobre o acesso aos meios de publicação, ao apresentar o jornalismo *open source* como “um estilo de jornalismo feito em sites *wiki*, que permitem a qualquer internauta alterar o conteúdo de uma página” (2006, p. 19). Sites como o *Slashdot*, o *Wikinews* ou o *Independent Media Center* (Indymedia) costumam ser citados como exemplos de jornalismo *open source* por facultarem a qualquer pessoa o direito à publicação. Dentro da concepção de Foschini e Taddei, o emprego seria mais apropriado ao *Wikinews* e ao *Indymedia*, como veremos a seguir.

Definido como a “fonte de notícias livre que todos podem editar”, o *Wikinews* é um dos projetos da *Wikimedia Foundation*¹³ que utiliza o conceito da *Wikipedia* (outro projeto da *Wikimedia*) aplicado às notícias. Ou seja, qualquer pessoa pode publicar reportagens e editar as já publicadas por outros. Ao final de cada reportagem, há o botão “editar”, em que o usuário pode alterar o texto ou enriquecê-lo, através da inserção de links e material multimídia. Depois de fazê-lo, basta acionar o botão “salvar” para que a nova versão seja publicada.

O *Indymedia* foi criado por um grupo de ativistas para cobrir as manifestações contra a Organização Mundial do Comércio em Seattle, em 1999. Hoje, ele está presente em 150 cidades. O *Indymedia* se define como “um coletivo de organizações independentes de mídia e centenas de jornalistas que fazem uma cobertura *grassroots*, não corporativa”¹⁴. Assim como no *Wikinews*, no *Indymedia* qualquer pessoa pode publicar conteúdo. Na sua declaração de princípios, o site afirma que seu objetivo é “encorajar as pessoas a tornarem-se a mídia”¹⁵. Já no *Slashdot*, o direito à publicação não elimina a necessidade de editores (filtros). O acesso à ferramenta é estendido a todos, porém a publicação depende de aprovação. Por mais que sites como o *Slashdot* declarem que não praticam jornalismo, a lógica de seleção dos artigos que virão a público guarda alguma semelhança com a mídia tradicional:

O seu funcionamento, embora se assemelhe ao do fórum normal, apresenta algumas peculiaridades que estabelecem a diferença. O utilizador envia, através de uma “*submissions bin*”, a informação que deseja pôr on-line e que pode assumir os mais diversos formatos: um texto, um link, um fragmento de uma página web. Se o assunto for considerado relevante, atual ou apelativo, será escolhido e publicado por um dos editores do *Slashdot* que, diariamente, selecionam entre os artigos submetidos aqueles que preencherão o *site*, escolhendo os melhores ou mais atuais para a primeira página e dividindo os restantes pelas diversas secções listadas à esquerda da página. (MOURA, 2002, p. 2)

O *Slashdot* também conta com um sistema de moderação para os comentários que sucedem à publicação do artigo. Os moderadores são escolhidos pelo *software* entre os usuários mais assíduos. A sua função é atribuir uma pontuação aos comentários submetidos. Percebe-se aqui que o objetivo é hierarquizar os comentários mais

¹³ Disponível em <http://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em 18 mar 2011.

¹⁴ Disponível em <<http://docs.indymedia.org/view/Global/FrequentlyAskedQuestions>>. Acesso em 18 mar 2011.

¹⁵ Disponível em <<http://docs.indymedia.org/view/Global/FrequentlyAskedQuestions>>. Acesso em 18 mar 2011.

relevantes. Pelo exposto, percebe-se que o termo jornalismo *open source*, por seu uso indiscriminado, perdeu sua especificidade. Além disso, na nossa visão, o conceito dá ênfase à técnica. Seria, portanto, inadequado e reducionista, uma vez que o esforço dos pesquisadores é na tentativa de buscar definir o novo modelo de produção jornalística que emerge quando o público faz, às vezes, de repórter, e não a forma através do qual ele se torna possível. Interessa-nos debruçar sobre o fenômeno, muito além da tecnologia que permite sua manifestação.

É justamente no novo processo de produção noticiosa que autores como Bowman e Willis estão mais focados ao propor a definição do conceito de jornalismo participativo como

um ato de um cidadão ou grupo de cidadãos que desempenham um papel ativo no processo de coletar, reportar, analisar e disseminar informação. A intenção dessa participação é fornecer a informação independente, confiável, exata, ampla e relevante que a democracia requer. (2003, p. 9)

Acrescentam os autores que, em tal tipo de jornalismo, há pouca ou nenhuma supervisão de um corpo administrativo jornalístico formal. Esta definição se aproxima à de Primo e Träsel, que aplicam o termo webjornalismo participativo “às práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na web, onde a fronteira entre produção e leitura não pode ser claramente demarcada ou não existe” (2006, p. 50). Estes autores não fazem distinção entre o processo de colaboração que pode ocorrer anteriormente ou posteriormente à publicação de conteúdos. No anterior, a participação do público pode ir desde a sugestão de temas para reportagens até o envio do texto ou material multimídia correspondente às notícias. No posterior à publicação, o processo de colaboração consistiria em enriquecer o conteúdo, através principalmente de comentários. Bruns é um dos autores que adota tal perspectiva para conceituar o jornalismo colaborativo:

[...] em muitos sites colaborativos de notícias há mais oportunidades para os usuários participarem adicionando mais informações, pontos de vista, comentários e links no estágio de resposta após a publicação do item inicial da notícia. Todos os usuários destes sites são, portanto, potenciais usuários assim como potenciais produtores de conteúdo. (BRUNS, 2005, p. 23)¹⁶

¹⁶ No original: “in many such collaboratively produced news websites there is further opportunity for users to participate by adding further information, views, comments, and links at the response stage after the publication of the initial news item. All users of such websites are therefore both potential users as well as potential producers of content”.

Para Foschini e Taddei, porém, tal prática configuraria outro gênero: o jornalismo participativo. “Os comentários somam-se aos artigos, formando um conjunto novo” (2006, p. 19). Para eles, o jornalismo colaborativo seria usado “quando mais de uma pessoa contribuiu para o resultado final do que é publicado” (2006, p. 19). Ou seja, a colaboração seria um processo anterior ao da publicação da notícia enquanto a participação seria posterior.

Gillmor (2006) utiliza indiscriminadamente os termos jornalismo participativo, jornalismo cidadão e jornalismo *grassroots* (gíria inglesa para público e povo) para evocar a idéia de troca de informações entre jornalista e público. Ele define o jornalismo *grassroots* genericamente como a “mídia gerada pelo cidadão” (2006, p. XV). Para Foschini e Taddei, porém, *grassroots* seria a participação na produção e publicação de notícias das “camadas periféricas, aquelas que geralmente não participam das decisões da sociedade” (2006, p. 19). Ao adotar tal ponto de vista, os autores estariam se referindo aos excluídos pela mídia *mainstream*. Neste sentido, aproximam o termo do jornalismo comunitário, voltado para as causas da comunidade, e do alternativo, que abraça temas geralmente ignorados pela grande imprensa.

Comunitário, cívico e cidadão são conceitos que normalmente evocam o engajamento em causas públicas. Aqui é importante lembrar que houve um movimento organizado, conhecido como jornalismo cívico, nos anos 90, nos EUA. Esse movimento contou com a adesão de quase 30 jornais regionais em diversos estados americanos, que passaram a convocar a população para assembleias públicas, nas quais as autoridades eram questionadas sobre os problemas comunitários. Entre as suas funções, estava a de “melhorar a vida pública” e a de conceber o público não como mero consumidor, mas como “ator da vida democrática” (TRAQUINA, 2003, p. 13). Não por acaso ele também ficou conhecido como jornalismo comunitário e jornalismo de serviço público (TRAQUINA, 2003, p. 9).

Já jornalismo cidadão é o termo que vem sendo comumente empregado para designar a atividade dos jornalistas não-profissionais na era digital. Jay Rosen, um dos fundadores do jornalismo cívico, assim o define: “quando as pessoas previamente conhecidas como audiência empregam ferramentas de publicação à sua disposição para informar outras, isto é jornalismo cidadão”¹⁷. Gillmor lembra que quem primeiro cunhou a expressão em seu corrente uso na era digital foi o coreano Oh Yeon Ho, fundador do já

¹⁷ Disponível em <http://archive.pressthink.org/2008/07/14/a_most_useful_d.html>. Acesso em 10 mar 2011.

mencionado *OhmyNews*, ao adotar o lema “todo cidadão é um repórter”. O autor considera o jornalismo cidadão como um “produto da democratização da mídia na era digital, fruto do amplo acesso a poderosas e baratas ferramentas de mídia e amplo acesso ao que as pessoas criam, através de redes digitais”¹⁸.

O emprego do termo jornalista cidadão pela imprensa americana, porém, remonta à década de 80. Portanto, seu uso é anterior à internet. No blog do *Center for Citizen Media*, Gillmor procura investigar suas origens¹⁹. No post “*Where did citizen journalist come from?*”, ele revela que os resultados de uma busca que realizou no banco de dados de jornais apontam que o termo teria sido empregado pela primeira vez em 1988, numa reportagem de autoria de Jim Klobuchar no *Minneapolis Star Tribune*²⁰. Gillmor ressalva, porém, que foi somente na década de 80 que os jornais começaram a digitalizar seus acervos e que, por isso, seria precipitado datar a origem do termo com base nesta pesquisa.

Há consenso sobre o emprego do termo para designar a atividade jornalística praticada por amadores. Porém, questiona-se sua validade ao sugerir que tal prática estaria ligada ao exercício da cidadania. Autor do livro *O culto do amador*, Keen considera que “jornalismo cidadão é um eufemismo para o que você ou eu poderíamos chamar de ‘jornalismo feito por não-jornalistas’” (2007, p. 47). Keen menciona outra definição, de Lemann, professor de jornalismo da Universidade de Columbia. Em artigo publicado na revista *The New Yorker*, Lemann designou os jornalistas-cidadãos como “pessoas que não são empregadas por uma organização jornalística mas desempenham uma função similar” (2007, p. 47).

Defensor do uso do termo jornalismo cidadão, o próprio Gillmor admite que há muita discussão sobre a pertinência de usá-lo em qualquer caso. Embora afirme que o exercício da cidadania não é pré-condição para a prática do jornalismo cidadão, ele prefere adotá-lo. “O mais importante a ser lembrado é a democratização que tornou possível a todos ser parte do ecossistema jornalístico. Além disso, acredito que isto é um dever cívico, se é que esta ideia ainda tem significado”²¹.

Proposta conceitual: jornalismo amador

¹⁸ Disponível em <<http://citmedia.org/blog/2008/07/14/where-did-citizen-journalist-come-from/>>. Acesso em 10 mar 2011.

¹⁹ Disponível em <<http://citmedia.org/blog/2008/07/14/where-did-citizen-journalist-come-from/>>. Acesso em 18 mar 2011.

²⁰ A busca foi realizada através da *Newsbank*, que dá acesso à biblioteca digitalizada de dois mil jornais americanos.

²¹ Disponível em <<http://citmedia.org/blog/2008/07/14/where-did-citizen-journalist-come-from/>>. Acesso em 10 mar 2011.

Expostas as divergências e consensos em torno dos diferentes conceitos, parece-nos que nenhum deles designa adequadamente a atividade desempenhada pelos usuários produtores de conteúdo. Jornalismo *open source* e de fonte aberta não se aplicariam. Tais termos, por serem amplos demais, causam uma certa confusão ao serem utilizados ora para designar a abertura verificada no processo de produção das notícias (com a entrada em cena do usuário) ora para contemplar tal liberdade em todas as etapas, da apuração à publicação. Como vimos, a participação no processo de produção não implica necessariamente o acesso aos meios de publicação. Em muitos casos, os artigos e reportagens produzidos pelos usuários estão sujeitos às regras de edição das diversas organizações.

Jornalismo participativo e colaborativo também não seriam apropriados porque sugerem uma prática exercida coletivamente. Nestes processos, o cidadão comum contribuiria, seja concomitantemente ao processo de produção das notícias, seja *a posteriori*, para a construção de conteúdos de modo coletivo. Ou seja, não há autor porque a autoria é múltipla. Tal conceito pode ser aplicado apenas em alguns casos à atividade desempenhada pelo jornalista amador. Fotos, por exemplo, excluem *a priori* mais de um autor. Além disso, já há casos de textos que são totalmente escritos por jornalistas amadores. A seção Eu-repórter, de *O Globo*, costuma distinguir a autoria individual da coletiva, através do emprego dos termos “texto e foto do leitor x” ou “O Globo, com a colaboração do leitor x”.

Jornalismo *grassroots*, como já vimos, é uma definição imprecisa e que, para alguns autores, sugere a produção originada nas camadas periféricas da sociedade. Para evitarmos a possível confusão, parece-nos cauteloso evitá-lo. Restaria-nos a opção pelo jornalismo cidadão, mas este termo também não está isento de dupla interpretação. Embora os temas mais recorrentes nos espaços dedicados ao jornalismo amador estejam ligados ao exercício da cidadania, este não é pré-condição para a participação dos usuários.

Por fim, todos estes conceitos costumam ser aplicados à internet, embora já tenhamos demonstrado que este fenômeno no jornalismo é anterior a ela. Aliás, mesmo na era digital, a atividade do usuário não está restrita à web. Jornais vêm estampando fotos de leitores em suas primeiras páginas impressas. Assim como os telejornais vêm exibindo na TV vídeos produzidos por amadores. Nas enchentes de março de 2010, foram as fotos enviadas pelo público (mais de 700 só pela ferramenta do Eu-Repórter) que permitiram informar aos leitores do site do *Globo* a extensão da calamidade que se abatia sobre a cidade. Muitas delas apareceram também nas edições impressas. Na ocasião, o *Jornal Nacional* exibiu, em horário nobre, vídeos amadores enviados pelos telespectadores, antes de cada intervalo comercial. As rádios não fizeram diferente e deram voz aos seus ouvintes. Portanto, a ênfase no meio

em que o jornalismo produzido pelo usuário se expressa não é o mais relevante. Interessa-nos o olhar sobre esta prática.

Para desvincular a atividade jornalística praticada pelo usuário tanto do contexto de cidadania (jornalismo cidadão) quanto da internet (jornalismo *open source*, colaborativo e participativo) como pré-condições para que ela se realize, propomos o emprego do termo jornalismo amador. Entre as definições para “amador” no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa²² está a de “quem se dedica a uma arte ou um ofício por gosto ou curiosidade, não por profissão”. Consideramos que o termo seria aplicável até mesmo às experiências onde há remuneração para os jornalistas amadores, pois esta é apenas simbólica²³. Há ainda o significado pejorativo, segundo o qual o amador seria “aquele que ainda não domina ou não consegue dominar a atividade a que se dedicou, revelando-se inábil, incompetente, inexperiente”. Uma terceira definição afirma que amador é “quem entende apenas superficialmente de algum assunto ou atividade”. Não é nosso propósito diminuir a o valor da atividade do jornalismo produzido pelo público ao aplicarmos o termo jornalismo amador. Apesar de uma certa conotação pejorativa, acreditamos que a denominação “jornalismo amador” traz ganhos à discussão, pois enfatiza a relação de oposição entre quem exerce a prática jornalística “por gosto ou curiosidade” de quem desempenha o jornalismo enquanto profissão. Nem a defesa incondicional nem o demérito: interessa-nos dar prosseguimento a pesquisa desta modalidade de jornalismo praticada pelo público vinculando-a ao pólo ideológico do campo jornalístico, conforme discute Néelson Traquina (2005, p. 130-143).

Pela perspectiva das teorias do jornalismo, os integrantes de uma profissão desenvolvem um *ethos* próprio. Desse conjunto de valores e normas deontológicas da cultura profissional dos jornalistas, podemos destacar: a independência e a autonomia dos profissionais em relação aos outros atores sociais; a associação histórica entre o jornalismo, a liberdade e a construção da verdade; a objetividade jornalística enquanto procedimento estratégico de produção da informação que visa assegurar a credibilidade epistemológica e a legitimidade social dessa comunidade interpretativa conquistadas perante a sociedade.

Mesmo os proponentes do movimento de renovação do jornalismo norte-americano, o jornalismo cívico, que encara o valor da objetividade como um inimigo a abater, não encontram uma forma de o

²² Consultar <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=amador&stype=k>>. Acesso em 10 mar 2011.

²³ No *OhmyNews*, por exemplo, o *cybercash*, termo utilizado para designar o pagamento simbólico ao cidadão-repórter, variava de US\$ 2 a US\$20 por artigo, dependendo de sua relevância, segundo critérios arbitrados pelos editores. Ainda assim, o cidadão-repórter só podia sacar a quantia quando esta atingisse US\$50 (BRAMBILLA, 2006, p. 36).

substituir e reconhecem que uma noção de equidistância é vital para a credibilidade do jornalismo. (TRAQUINA, 2005, p. 142)

Considerações finais

Restaria-nos, portanto, a pergunta: as práticas jornalísticas exercidas pelos amadores se configuram como jornalismo? Corrêa e Madureira, ao investigar a participação do público nas seções específicas para tal fim nos grandes portais brasileiros, propõem o conceito de cidadão fonte para substituir o de cidadão repórter, pois não observaram nos colaboradores “comprometimento nem estímulo para apurar informações e realizar cruzamento de fontes, práticas comuns e necessárias à disciplina da checagem de dados” (2010, p. 176). Seria precipitado arriscarmos uma resposta categórica tendo em vista a diversidade de características destas iniciativas, tais como o grau de protagonismo do cidadão no processo de produção da notícia, o nível de interferência da política editorial nos meios de comunicação que se valem de tal prática e a consonância, nestas experiências, com os valores-notícia.

Como observou Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (2009, p. 10). É inegável que essa multidão de narrativas produzidas pelos amadores acolhe não só as falas múltiplas e divergentes dos cidadãos comuns como também as produções de sentido sobre a realidade social em disputa nas democracias pelos seus segmentos politicamente organizados. Resta saber até que ponto essas narrativas estão explorando as brechas do dispositivo midiático. Talvez esta discussão seja mais relevante do que tentar aprisioná-la em rótulos.

Neste novo “mar de narradores”, nem sempre é fácil conseguir a resposta para perguntas muito simples tais como Quem fala (uma mídia, uma empresa, um lobby?), Quem escreve (um jornalista, um relações públicas ou um torcedor ou um ativista?) e Para que (informar, pleitear, criticar?)? Pode-se interpretar estas mudanças que estamos presenciando como o triunfo do jornalismo? O uso da ordem jornalística de discurso, seu molde e suas aptidões é definitivamente a condição para falar na nova esfera pública. (NEVEU, 2010, p. 40)

Em suma, consideramos que a proposta de uma nova nomenclatura para denominar a prática jornalística dos atores sociais que não exercem a profissão de jornalismo se faz necessária para um maior rigor metodológico; portanto, esse artigo visa contribuir metodologicamente para o campo dos estudos de jornalismo e, particularmente, das teorias do jornalismo.

Referências

ALVES, Rafael. **Compreensão da construção do cidadão-repórter por intermédio dos modelos de colaboração em ambientes jornalísticos estruturados por tecnologias digitais conectadas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. Nosotros, el medio. **The Media Center**, 2003. Disponível em: <<http://www.hypergene.net/wemedia/espanol.php>>. Acesso em 20 nov 2010.

BRAMBILLA, Ana Maria. A identidade profissional no jornalismo *open source*. **Em Questão**, Porto Alegre, v.11, n.1, p.103-119, jan/jun. 2005a.

_____. A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source. **Sessões do Imaginário**, 2005b.

_____. **Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhmyNews International**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BRUNS, Axel. **Gatewatching: collaborative online news production**. New York: Peter Lang, 2005.

CORRÊA, Elizabeth; MADUREIRA, Francisco. Jornalista cidadão ou fonte de informação: estudo exploratório do papel do público no jornalismo participativo dos grandes portais brasileiros. **Estudos em Comunicação**, v. 1, n.7, p. 157-184, 2010.

FOSCHINI, Ana Carmem; TADDEI, Roberto Romano. **Jornalismo Cidadão: você faz a Notícia**. *OverMundo/Coleção Conquiste a Rede*, São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.

GILLMOR, Dan. **We the media**. Sebastopol: O'Reilly Media, 2006.

HOLANDA, André. *Estratégias de abertura: o jornalismo de fonte aberta dos casos Indymedia, CMI, Slashdot, Agoravox, Wikinotícias e Wikinews*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

_____. Jornalismo de fonte aberta, construindo uma definição e uma caracterização. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 5., 2007, Aracaju. *Anais...* Brasília: SBPJor, 2007.

_____; QUADROS, Cláudia; PALACIOS, Marcos; SILVA, Jan Aline Barbosa. Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil. In: PALACIOS, Marcos; NOCI, Javier Diaz (orgs.). **Metodologia para o estudo dos cybermeios**. Estado da arte & perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**. Zahar, 2009.

MOURA, Catarina. Jornalismo na era *Slashdot*. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2002. Disponível em

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=mouracatarina-jornalismo-slashdot.html>.

Acesso em 26 fev. 2009.

NEVEU, Erik. As notícias sem jornalistas. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v.6, n.1, p. 29-57, 2010.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, Niterói, v. 14, p. 37-56, 2006.

TRAQUINA, Néelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

_____; MESQUITA, Mário. **Jornalismo Cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.